## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1)

VIROLLEAUD (Charles) — Légendes de Babylone et Canaan. Maisonneuve. París. 124 pp., 23 figs. Coleção "L'Orient Ancien Illustré", publicada sob a direção do autor.

DUPONT-SOMMER (A.) — Les Araméens. Maisonneuve. París, 124 pp., 16 figs. Coleção "L'Orient Ancien Illustré", publicada sob a direção de Charles Virolleaud.

A França de após-guerra já deu bastante provas de que o seu alto nível cultural ficou intacto através de tôdas as perturbações. Assim, a "Grande Nation" tanto na pesquisa como na difusão cultural apresenta-se outra vez com contribuições singulares. As duas brochuras no domínio dos estudos da história da antiguidade oriental testemunham o alto nível, a simplicidade, a clareza, a nitidez e, ao mesmo tempo, a modéstia com que se trabalha. Em 124 páginas de texto, ilustradas com bom material de clichês, é fornecida uma seleção adequada, reduzida estritamente ao essencial, com disposição clara e explicações curtas e concisas. Entretanto, não me parece feliz a idéia de se reunir em um único folheto dois grupos de mitologias, aliás bastante diferentes uma da outra, como as dos mundos babilônico e cananeu. O próprio diretor desta coleção L'Orient Ancien Illustré, Charles Virolleaud, promete na introdução geral, para o futuro, tratar dêstes dois temas importantes mais uma vez e em separado.

Não se pensou em criar um manual que pretendesse ser completo, nem em promover pesquisas e discussões especialisadas dentro do próprio tema e sim, finalidade que aliás foi alcançada, dar uma espécie de balanço do assunto aos historiadores interessados nas origens da civilização, domínio que hoje em dia atingiu alto grau de especialisação, em vista do rico material de descobrimentos que cada vez mais tende a aumentar os nossos conhecimentos da antiguidade oriental. A coleção L'Orient Ancien Illustré conquistou a cooperação de especialistas qualificados, com os quais a França sempre tem contado para, em forma monográfica, informar acêrca do nível atual dos nossos conhecimentos a respeito de povos e culturas tão diferentes, como por exemplo os sumeros, os hititas, os cananeus, os hebreus, os assírios, etc.

O diretor da referida coleção desculpa-se, pretextando motivos de ordem técnica, pelo fato de não ter conseguido reunir as diversas contribuições em um único volume, onde os capítulos se sucederiam cronológicamente. Desculpa desnecessária, pois do ponto de vista metodológico e pedagógico o atrativo dêsse trabalho reside justamente no fato de ser a matéria de cada especialidade transmitida em uma pequena obra, em si estruturada e abrangida.

Com muita clareza são descritas as origens da mitologia babilônica (pròpriamente caldaica) e historiados os nossos conhecimentos a respeito da mesma: os mitos da criação do mundo (Marduk, Tiamat etc.), a grande epopéia de Guilgamesh, em tôdas as suas variações e variantes. Bem sucedido também

Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.

o capítulo dedicado à personalidade de Ishtar. Em uma segunda parte que devia, como já mencionamos, constituir uma brochura por si só, trata-se dos famosíssimos achados de Biblos e de Rash-Shamra-Ugarit. Sem demorar-se nos detalhes de interpretações ainda discutidas, o autor apresenta, em linguagem clara, as lendas de Daniel (Daniel biblico) e os seus paralelos com Ezequiel 28, 3, os poemas de Rash-Shamra em geral, o nome divino de El (também no Velho Testamento), o vulto mitológico de Baal. Percebe-se que esses assuntos são desenvolvidos afim de atrair também a quem se ocupe com questões do Velho Testamento e da filologia hebraica, assim como a quem procure paralelos com o primeiro, seguindo o exemplo pioneiro fornecido por Alfred Jeremias (Das Alte Testament im Lichte des Altem Orients). Como é óbvio. o autor cuida de descrever as interdependências entre as diversas culturas e mitologias orientais, uma vez que se tratam de territórios sob forte influência egípcia e ao mesmo tempo também não deixa de deliniar os limites dêsse processo. Assim êle cita e apresenta as divindades Astarte e Anat do meio egípcio e os seus paralelos ugaríticos nos deuses da morte e do mar, o culto de Adonis-Venus de Biblos e a semelhança com o de Astarte etc. Finalisam-se êsses capítulos, ricos de notas bem fundadas, com o estudo de controvertidíssima questão: até que ponto é admissível pretender que semelhanças entre as mitologias egipcia e fenicia - no tema da vida futura, por exemplo - cheguem à base das coisas ou sejam meros paralelismos superficiais, como se afirma no caso das relações entre o Aton egípcio e o Adonis fenício? Acha o autor, com franqueza, que o material arqueológico existente não é suficiente para resolver êsse problema e, preconiza que seria inadmissivel despresar a influência do meio babilônico, já que foi um território de cruzamento de culturas.

O segundo folheto apresenta uma tentativa, aliás muito bem sucedida, de descrever o curso da história dos arameus, sua civilização e sua ramificação. Como os israelitas, seus parentes, apareceram tarde no Oriente antigo, em fins do segundo milênio, tendo se restringido o seu papel político a poucos séculos, com estados pouco coesos, sem conseguir organizar um império de primeiro plano. Mas a sua influência na civilização antiga e na criação de interdependências culturais foi relevante, em vista de terem vivido em territórios bastante extensos. São aproveitados três tipos de documentos: bíblicos, inscrições cuneiformes assíricas e inscrições arcaicas. E a indispensável crítica dos mesmos nunca se perde em discussões exageradas, comuns em se tratando de um assunto que abrange séculos e lugares bastante diferentes e que é um domínio vasto e ao mesmo tempo pobre e incerto em documentação.

Sete capítulos tratam dos seguintes temas: 1.°) as primeiras invasões (14.º até 12.º séc.); 2.º) o florescimento dos estudos arameus (sécs. 11 e 10) na Alta Mesopotâmia, na Siria Meridional (Damasco) na época post-Tel-El-Amarna; 3.º) o despertar da Assíria e o recuar do poder político arameu (séc. 9); 4.º) vicissitudes e fim dos estados arameus (séc. 8); 5.º) as tribos aramaicas em Babilônia (sécs. 9-7); 6.º) e 7.º) a língua aramaica e a sua expansão e a civilização aramaica (suas artes):

Ao capítulo que descreve as inscrições mais conhecidas, seque-se a explicação da escrita empregada. No oeste ela foi diretamente emprestada do fenício e quase não se distingue mais o alfabeto de vinte e duas letras em uso na Fenícia desde o segundo milênio. Mas quando os povos arameus se radicaram na Mesopotâmia (sécs. 10 e 9); não usavam ainda idioma escrito como língua literária. Por isso os príncipes emprestavam das regiões onde se tinham estabelecido as respectivas escritas, isto é, o cuneiforme da Mesopotâmia e o alfabeto fenício da Síria. Bem explicada também é a dispersão dos povos arameus e a sua conseqüência: criação de um sem-número de dialetos que se poderiam chamar o inglês da antiguidade, por terem sido idiomas internacionais. Tenhamos em mente que, a exemplo do que aconteceu com os seus deuses, os arameus legaram ao mundo, por vários séculos, a sua língua. Ela se tornou, de certo modo, a língua oficial do império persa e o idioma popular em substituição ao hebraico na Palestina; também os Targumins (traduções anti-

gas da Bíblia do Velho Testamento) e os Talmudins foram nela redigidos; e. em documentos rabínicos, até hoje está ela em uso tradicional. Jesús pregou em aramaico e é muito provável que, originalmente, os três primeiros dos quatro Evangelhos fóssem escritos naquele idioma também. Em ilhas lingüísticas do Líbano e na Igreja Maronita ainda hoje está em uso, sem ter sido sufocado pelo árabe (1). No império romano, por exemplo, encontrou fervorosa adoração Atargatis, a "deusa siríaca". Através da lingua e dos ritos deixaram os arameus os seus vestígios na história das grandes civilizações humanas.

Estão de parabens os responsáveis por essa coleção e aguardamos com grande interêsse as suas futuras publicações que, acreditamos, alcançarão o mesmo bom êxito dos primeiros folhetos. Ela vem ao encontro de uma real necessidade.

FRITZ PINKUSS

PRÉAUX (Claire). — Les Grecs en Égypte d'après les archives de Zénon. Office de Publicité, S. C., Bruxelles, 1947, 91 págs.

Camponeses egípcios, realizando excavações no Faium, em 1914, encontraram enorme quantidade de papiros que foram, em seguida, vendidos a diversos interessados em tais antiguidades. Em virtude disto tais documentos, integrantes do arquivo de Zeno, intendente de Apolônios — tesoureiro geral de Ptolomeu II Filadelfo —, foram dispersos e estão hoje fazendo parte de coleções pertencentes aos museus do Cairo, Londres, París, Atenas, Nova Iorque, Florença, Heidelberg, Manchester, Madison (Wisconsin) e Ann Harbor (Michigan). Tal material, de enorme importância para a reconstituição histórica do Egito helenístico e, particularmente, de Filadelfia em meados do século III a. C., foi aproveitado, em primeiro lugar, por Rostovtzeff, no seu trabalho "A large Estate in Egypt in the third Century B. C." (University of Wisconsin Studies in the Social Sciences and History, n.º 6, Madison, 1922) e, naturalmente, constituiu uma parte significativa das fontes de que se utilisou o mesmo autor para a composição de sua famosa "The social and economic History of the Hellenistic World". Claire Préaux serviu-se, aliás, daquele primeiro trabalho de Rostovtzeff para a reconstituição da vida dos gregos no Egito segundo os arquivos de Zeno, e Rostovtzeff, por sua vez, durante a elaboração da sua segunda obra acima referida, teve oportunidade de ler, ainda nas provas tipográficas, o livro que o prof. belga consagrou à economia real dos Lágidas (Bruxelas, 1939). A relação entre os dois especialistas é interessante porque constitui, por si só, uma excelente recomendação para o pequeno volume publicado pela coleção Lébèque e intitulado "Les Grecs en Égypte d'après les archives de Zénon."

O objetivo do Autor é enunciado na sua introdução: revelar, por meio dos mencionados documentos, a obra realizada no Egito pela primeira geração de gregos chegados ao país após a conquista macedônica, examinando, de um lado, a maneira pela qual foi explorado o solo do vale do Nilo e, de outro, a ação da antiga civilização egípcia sôbre os conquistadores. No desenvolvimento do trabalho podemos distinguir quatro partes: as duas primeiras, constituindo uma espécie de introdução, abordam generalidades a respeito do encontro dos papiros, da economia do Egito durante o govêrno dos primeiros Lágidas e do próprio Zeno, sua personalidade e suas relações com sua pátria, a Cária; da pág. 15 em diante o Autor descreve a exploração do domínio de

 <sup>—</sup> Descrição da múltipla ramificação do aramaico fornecemos à página 20 da nossa Gramática Hebraica, Editora Anchieta, São Paulo, 1948.